

Para que publicar? O caso dos autores da FEUSP¹

Silvia M. Gasparian Colello²

Resumo: Com o propósito de situar o mérito dos 15 anos das edições do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (CEMOrOc) e das 200 revistas publicadas, o artigo problematiza a produção acadêmica, a postura do pesquisador-autor, o significado das investigações e o interesse da publicação de um conjunto de artigos. Com base nessas reflexões, defende-se a produção CEMOrOc no contexto de um movimento intelectual discursivo e articulador na produção do saber (uma rede de conhecimento que não se confunde com uma coleção de trabalhos). Finalmente, mostra-se como isso se configura no caso específico dos 29 autores da FEUSP pelo levantamento dos temas e campos do conhecimento nos 104 artigos produzidos.

Palavras Chave: Pesquisa. Produção acadêmica. Rede de Conhecimento. Publicação de artigos.

Abstract: On the occasion of the celebration of the 15th anniversary and the publishing of the volume #200 of the academic journals of Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (EdF-Feusp), at www.hottopos.com, this article discusses academic publishing, the role of researcher-author and the academic life of CEMOrOc articles, focusing on FEUSP authors.

Keywords: Research. academic articles. knowledge network. Cemoroc.

Na comemoração dos 15 anos das publicações do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (CEMOrOc), e, coincidentemente, também da marca de 200 revistas publicadas, a consideração dos méritos de tal empreitada suscita questionamentos: Quais os propósitos de todos aqueles que contribuíram para esta significativa produção? No contexto acadêmico, qual é o sentido de escrever e publicar? Como se origina a iniciativa da pesquisa e em que medida ela justifica a vida intelectual? Como situar a contribuição coletiva de trabalhos que se dispersam, supostamente, sob a forma de tantos artigos publicados?

A gênese de qualquer trabalho científico é sempre uma pergunta. Por isso, não seria um exagero afirmar que o esforço de investigação começa, como diria Sócrates, com o reconhecimento da ignorância, com a assunção do não saber. No caso das ciências humanas, a construção do conhecimento não se faz pelo controle de variáveis submetido a uma repetição mecânica de procedimentos, mas pelo (re)encontro com dimensões do humano que passam a ser problematizadas. São, portanto, questões que

[...] se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento. (FREITAS, 2003, p. 27)

Por isso, nas humanidades, o verdadeiro pesquisador é aquele que se encanta com o mistério e assume a ousada postura de enfrentá-lo. É assim que nascem as

¹ Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo –FEUSP.

² Professora Doutora da FEUSP (silviacolello@uol.com.br).

perguntas: como um estranhamento ou uma admiração em face da realidade; como uma desconfiança teimosa de quem não se conforma com o aparentemente óbvio; como uma postura que rejeita o entendimento da vida pela simplificação de critérios dicotômicos; como o produto de uma sensibilidade que percebe problemas e busca por soluções; ou como uma proposição que, pela interpretação e análise, busca a releitura do mundo.

Com suas perguntas, o pesquisador resgata a postura tipicamente infantil de quem quer conhecer a realidade ou problematizar os seus diferentes contextos, não necessariamente obtendo repostas completas, definitivas e inquestionáveis. Desta forma, torna complexo o que parecia simples e, ao mesmo tempo, favorece uma certa simplificação, na medida em que estabelece relações, situa causas e consequências na construção de quadros explicativos ou de âmbitos de referência.

Ao reconhecer as crianças como verdadeiros “interlocutores intelectuais” do mundo adulto, Piaget evidenciou o espírito científico que sustenta todo ato de conhecimento e reflexão (FERREIRO, 2001), embora nem sempre ele seja reconhecido e valorizado. Lamentavelmente, a dimensão inquisitiva tipicamente infantil que, uma vez amadurecida e sistematizada, move tantas ações e obras, garantindo o desenvolvimento e as grandes conquistas da humanidade, é muitas vezes abafada pelo jogo de manipulação e pela imposição de verdades indiscutíveis (QUINTAS, 2001). Ao longo da história, eles sempre circulam nas mais diversas culturas com propósitos indiscutivelmente ideológicos, roubando do homem sua capacidade de reflexão. E, por não mais saber perguntar, os homens deixam de ser crianças.

Em nossa sociedade, a consequência disso se faz sentir no crescente panorama de apatia, conformação e descomprometimento com o mundo, posturas subsidiárias do estado de barbárie. Nessa perspectiva, podemos situar o pesquisador como o protagonista de um movimento essencialmente humanizador, que viabiliza a construção da sociedade democrática e a transformação da realidade. Nas palavras de Said, “O propósito da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento” (1994, p. 52).

Como uma força que luta contra tendências alienantes, o pesquisador ousa perguntar e faz questão de colocar em evidência o produto do seu trabalho, sem o que todo o seu esforço perderia a razão de ser. Daí, o sentido da publicação.

Soares (2001) faz uma inquietante e controversa distinção entre o autor e o pesquisador-autor, mostrando que, enquanto o primeiro é movido por uma necessidade interna que garante à escrita um sentido em si, o segundo produz por um dever de ofício ou por exigência da própria academia, o que pressupõe não apenas o trabalho prévio de estudo, como também o foco no leitor:

Ao escritor não interessa o *para quem escreve*, porque escreve para *expressar suas inquietações, seus problemas íntimos, fazer uma psicanálise dos pobres, sem divã* (Carlos Drummond de Andrade), escreve como *terapia* (Dias Gomes), por *exigência orgânica* (Monteiro Lobato), escreve para *lutar contra a infelicidade* (Vargas Llosa), para *não se matar* (Autran Dourado), enfim, escreve para satisfação pessoal, só secundariamente escreve para outrem; para o pesquisador-autor, o *para quem* escreve é fundamental, necessita e depende do leitor, porque escreve para comunicar o conhecimento que produziu, e precisa ter a reação de leitores a esse conhecimento produzido, escreve por exigência acadêmica e profissional (não por exigência orgânica, como Monteiro Lobato), escreve por obrigação e compromisso, e essas

exigências, obrigação, compromisso só se efetivam se houver leitores para o que escreve.” (p. 74-75 – grifos da autora)

O compromisso com o leitor é, para a autora, o grande diferencial do pesquisador porque a publicação de trabalhos científicos justifica os sentidos essenciais da atividade investigativa: o enfrentamento de problemas; a ampliação dos debates; a busca por alternativas pela consideração da complexidade dos fenômenos; o entendimento aprofundado de casos singulares; a busca de princípios gerais no que é particular e, inversamente, a tomada deste para construir leis mais amplas; a negociação das incertezas; o resgate de fatos ou dimensões de existência perdidas no e pelo tempo (muitas vezes, as lições não apreendidas do passado ou as alternativas para o futuro); a garantia da nossa herança cultural e histórica; a ampliação de horizontes; a busca de novos olhares pelo distanciamento com a realidade; a sutura dialética entre os conhecimentos do senso comum que inspiram a pesquisa e o produto dela que, por sua vez, pode realimentar as práticas cotidianas; a constituição de novos olhares para a realidade a partir de mecanismos de desconstrução e reconstrução. Tudo isto explica a emergência de quadros explicativos e de paradigmas, que podem referenciar intervenções práticas ou a colocação de problemas que, à primeira vista, não eram percebidos, gerando a própria continuidade da atividade investigativa. Movendo a si mesma, mas também movendo os homens e o mundo, ela se perpetua e amadurece.

Pelo movimento cíclico, mas certamente não linear, de perguntar e responder para voltar a perguntar, fica evidente a convicção sobre a relevância de tornar público o caminho tantas vezes percorrido individualmente e, desta forma, apresentar dados, elucidar perspectivas, considerar diretrizes, reconfigurar interpretações, propor ideias ou simplesmente identificar correntes de reflexão e conhecimento. É nesse contexto que, ampliando a concepção de Soares (e, assim, qualificando os propósitos do pesquisador-autor), pode-se reconhecer o “intelectual amador”, definido como aquele que, independentemente das vaidades pessoais, da pressão produtivista exercida pela academia ou das recompensas no âmbito da carreira, é movido pelo comprometimento com as causas, valores e saberes da esfera pública (SAID, 1994).

Pelo sentido assumido no quadripé “admiração-pergunta-pesquisa-comprometimento com o outro”, podemos situar muitos dos autores de artigos das revistas em questão, em especial, o fundador e presidente do CEMOrOc, Prof. Dr. Jean Lauand, autor de vários livros e de aproximadamente 300 artigos, mas acima disso, professor, orientador, amigo e grande mentor intelectual das iniciativas e produções que hoje pretendemos homenagear. Indiscutivelmente, toda esta conquista seria impossível sem o brilhantismo que acompanha a sua fértil inquietação intelectual. Junte-se a isso, uma engenhosidade mental e linguística capaz de conciliar o rigor científico e o lúdico, o popular e o erudito, o passado e o presente, o conhecido e o inusitado. Com base nessas raras e estranhas associações, ele não só alimenta o fogo da curiosidade, como também promove o prazer da leitura, contagiando a fria atmosfera do ambiente acadêmico. A proeza da publicação de 200 revistas seria impossível sem a sua especial habilidade para instigar os outros para a imersão qualitativa no universo acadêmico. Como uma pedra que cai em um lago de águas plácidas, gerando ondas que se propagam indefinidamente, ele é o responsável por um movimento intelectual que se perpetua para além das aulas, dos muros da universidade ou das fronteiras do país.

O conjunto de publicações CEMOrOc é o reflexo e o resultado desse movimento, daí o interesse em compreendê-lo para além do que ele possa, eventualmente, parecer, isto é, apenas como uma coleção de artigos. Ao reconhecer a intensidade do movimento intelectual que inspira questionamentos e impulsiona a produção de pesquisas, articulando-as em um contexto público e interativo de apresentação, encontramos a chave para enfrentar a questão inicialmente formulada,

vale dizer, como situar a contribuição coletiva de trabalhos que se dispersam, supostamente, sob a forma de tantos artigos publicados? Vejamos, pois, como a ideia da coleção e dispersão de trabalhos pode ser ressignificada.

Ao longo da particular trajetória de investigação, é possível que alguns autores, envolvidos pelos seus temas ou com suas respectivas produções, não se deem conta do impacto do seu trabalho no amplo contexto dos discursos acadêmicos. Sustentados por perguntas, hipóteses, premissas, análises e conclusões específicas, os artigos parecem configurar-se pela sua singularidade com suposta autonomia ou, na melhor das interpretações, vinculados a um campo específico de conhecimento e, particularmente, ao pequeno círculo dos que compartilham os mesmos referenciais teóricos. Nesta perspectiva, avaliar o conjunto da produção nada mais é que considerar o amontoado de vozes isoladas que se sobrepõem, mas que pouco dialogam entre si, conforme sugere a figura 1:



Figura 1: Discursos paralelos que se sobrepõem

Triste é a realidade dos pesquisadores que trabalham solitários e, na busca por interlocutores (como vimos, o que dá sentido à atividade investigativa), subestimam o destino de seus textos e desconsideram a possibilidade de retorno ou de um complexo movimento de interlocução! Compactando com uma concepção reducionista do debate acadêmico, é como se os seus esforços de investigação estivessem voltados para a publicação em si, sem considerar a qualidade de uma eventual recepção feita pelos pares mais próximos, nem as tensões geradas pelo debate com outros leitores. Em consequência, a publicação, enquanto produção supostamente neutra e descrente do seu potencial construtivo, pouco representa para o próprio autor (a não ser como a finalização de uma tarefa ou o caminho para a ascensão na carreira profissional). É uma voz solitária ao lado de outras. Nessas bases, fundamenta-se a mentalidade produtivista, tarefaira e autocentrada da atividade intelectual.

Na contramão desse olhar, é possível, apoiando-se em Bakhtin (2003), vislumbrar um outro sentido para o trabalho acadêmico. Imerso nas problemáticas de seu tempo ou de seu campo de investigação, e contagiado pelos seus respectivos discursos de sustentação (a polifonia), o pesquisador (o “intelectual amateur”) capta mistérios de uma dada realidade, percebe dimensões humanas inusitadas e, como o regente de um coro de vozes difusas, organiza a sua produção. É uma voz que nasce

do outro e, pelo grau de comprometimento, volta-se para o outro. Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa acaba se orientando também por um viés igualmente interativo, que dialoga com dimensões e experiências da humanidade: seus costumes, legados, valores, dramas e representações. A publicação, por sua vez, é constitutiva do pesquisador, não só pela assunção de uma postura (ou responsabilidade) relativa ao que foi enunciado, mas também por permitir que ele se coloque na corrente discursiva em um dado âmbito de conhecimento (por exemplo, o discurso filosófico ou educacional).

A figura 2 procura explicitar esse *status* interativo de posicionamento pessoal (o “eu em face do outro”), marcando a oposição com a postura anteriormente descrita:



Figura 2: Posicionamento do pesquisador na corrente interativa

Tomado como um enunciado, cada artigo produzido pode ser entendido como um encadeamento na corrente complexa de outros enunciados de um dado campo de conhecimento, uma manifestação que necessariamente afeta o fluxo discursivo, remetendo a manifestações responsivas, geralmente plurais e diversificadas, sejam elas de compreensão, aceitação, complementação, dúvida ou discordância.

Assim, um único artigo pode gerar um impacto complexo, conforme ilustra a figura 3.

No movimento responsivo, o que fica evidente é a pluralidade de reações que, por vias diretas ou indiretas, previsíveis ou não, a curto ou longo prazo, manifestam-se de modo ativo, marcando o modo de recepção do leitor sob a forma de um diálogo sem limites em um dado contexto de interação. A publicação como desfecho de um processo abre caminho para o início (ou continuidade) de muitos outros, não necessariamente dirigidos ao autor do trabalho, mas onde ele estará, sempre e em alguma medida, implicado.



Fig. 3: Movimento reponsivo a partir da publicação de um artigo

A natureza simultaneamente individual e dialógica dos trabalhos científicos é assim explicada por Bakhtin (2003, p. 279):

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos [...] também são, pela própria natureza, unidades de comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem sua precisão externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso, o autor de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos de idéia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc.

A obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influências sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva: como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos de alternância dos sujeitos do discurso.

Em síntese, o que se pode dizer é que, uma vez disponibilizados em um âmbito público, cada artigo instaura uma certa direção e significado no contexto discursivo, mas também focos de oposição ou contraposição de ideias. Isso significa que o trabalho de cada autor traz a reboque o movimento responsivo por ele gerado. Em outras palavras, um texto não sobrevive só e por si mesmo; ele necessariamente se integra a uma corrente discursiva e constitutiva do conhecimento em um campo do saber.

Multiplicando a intensidade do impacto individual, podemos, assim, situar o significado de um conjunto de publicações e dos debates a ele associados como um

extraordinário movimento de efervescência na polifonia das ciências humanas: um jogo de ideias e tensões que, seja pela perspectiva singularizante, seja pela universalizante, promove, desafia, enriquece e reconstitui o âmbito de circulação e conhecimento (AMORIM, 2003). Um conjunto de artigos é, pois, como uma imensa teia de aportes que se interconectam de modo imprevisível a depender do percurso, motivação e interesse de quem nele circula, age e interage. Por isso, uma análise das produções será necessariamente concebida sob um certo ponto de vista, uma opção que privilegia um entre os muitos recortes possíveis. Em meio à pluralidade do material disponível e das inúmeras possibilidades de aproveitamento, a única certeza é a constatação de um todo que, pela complexidade, amplitude e qualidade dos aportes, configura-se pelo enriquecimento do campo discursivo.

Tomado como um *corpus* significativo da produção CEMOrOc, o levantamento dos 104 artigos³ produzidos por 29 autores-pesquisadores, professores da FEUSP⁴ permite situar a contribuição interdisciplinar prestada ao campo das ciências humanas, convergindo em grande parte para a sustentação dos debates educacionais. Publicados ao longo dos últimos 15 anos em diversas línguas, eles possibilitam uma amostra da produção acadêmica plural, que merece ser vista e compreendida na perspectiva de uma rede de produção de conhecimentos comprometida com a interpretação da realidade. Isso se evidencia já na constatação dos campos de investigação e de suas possíveis relações, conforme sugere a figura 4:



Fig. 4: Campos de abordagem e suas relações nos artigos Cemoroc dos autores FEUSP

³ 104 artigos produzidos pelos docentes da FEUSP, desconsiderando aqui a imensa produção do presidente do CEMOrOc, Dr. Jean Lauand.

⁴ Além de Jean Lauand, estamos considerando os seguintes autores-pesquisadores da FEUSP: Amaury Cesar Moraes, Antônio Joaquim Severino, Beatriz A. de Moura Fétizon, Carlota Boto, Celso de Rui Beisiegel, Cristiane Maria Cornelia Gottschalk, Denise Trento de Souza, Edna Antonia de Mattos, Elie Ghanem, Gilda Naécia Maciel de Barros, Jair Militão da Silva, João Gualberto de Carvalho Meneses, José Mário Pires Azanha, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Marcos Sidnei Pagotto Euzebio, Maria Cecilia Cortez Christiano de Souza, Maria de Fatima Simões Francisco, Maria de Lourdes Ramos da Silva, Maria Victoria Benevides, Marília Pontes Spósito, Mary Julia Martins Dietzsch, Nilce da Silva, Roseli Fischmann, Ruy Afonso da Costa Nunes, Sandra Maria Sawaya, Silvia M. Gasparian Colello, Valéria Amorim Arantes e Waldir Cauvilla.

Sob essa configuração, parece pertinente observar as inúmeras relações potenciais entre campos do conhecimento, deixando de se configurar como áreas estanques e independentes da produção acadêmica.

Mais que isso, a natureza e intensidade dessas relações colocam em xeque as próprias fronteiras da construção científica. Em certos contextos de análise e interlocução, como separar, por exemplo, a filosofia da história? Como distinguir as abordagens de linguagem, psicologia e sociologia? Como pensar a educação apartada de qualquer um desses espaços de conhecimento?

No fundo, admitir os âmbitos de correlação e a proximidade entre campos do saber (tantas vezes distanciados sob a égide racionalista da configuração científica) significa compreender as experiências humanas pelo viés da complexidade do vivido, pela diversidade de significados e pela pluralidade das interpretações.

Estendendo essa mesma concepção para o âmbito interno de cada campo de conhecimento, é possível vislumbrar, pelo levantamento temático, a amplitude dos conteúdos discutidos e pesquisados pelos autores FEUSP. A figura 5 pretende representar, também sob a forma de uma rede de construção do conhecimento, a magnitude do conjunto dessa produção:



Figura 5: Levantamento temático representativo dos artigos CEMOrOc dos autores FEUSP

Tão relevante quanto a amplitude e diversidade temática (e obviamente a possibilidade da leitura pontual em um ou mais artigos de especial interesse), é a potencial “aventura de trânsito teórico” no campo da referida produção e nas abordagens interdisciplinares já mencionadas. Dessa forma, aquilo que, à primeira vista, poderia parecer como uma realidade caótica (o amontoado de textos, pesquisas e artigos), passa a se articular pela reconstrução responsiva de um leitor que busca o conhecimento também nas relações dialéticas entre posturas e argumentos, nos

conflitos entre o dado e o interpretado. Assim, torna-se possível a construção de inúmeros encadeamentos interpretativos, por exemplo, a associação dos valores do passado com os desafios educacionais do presente; a sutura dos contextos sociais aos procedimentos de ensino; a sintonia entre processos cognitivos e práticas pedagógicas; a aproximação entre princípios humanizadores e os mecanismos de gestão educativa; a articulação entre os processos formativos e metas de aprendizagem; a sintonia entre os processos vitais e os esforços formativos. Em última análise, fica o desafio de relacionar modos de ver o mundo e de agir sobre ele a partir de um posicionamento crítico.

Nesta perspectiva, a amplitude e diversidade das produções encontram sentido em um princípio fundamental, quiçá o único consenso entre os autores FEUSP: o acesso ao campo da ciência e da educação não se faz senão pela imersão na cultura destes universos. Uma imersão capaz de apreender a complexidade, os campos de abordagem, as heranças históricas de um passado esquecido, os argumentos em pauta, as polêmicas, contradições e desafios emergentes. Se não há fórmulas para resolver os problemas práticos ou para explicar os mistérios da vida, se não há manuais para formar profissionais, cientistas ou educadores, há um caminho a ser trilhado na construção do conhecimento. Este é, sem dúvida, o caminho da pesquisa assumido por todos aqueles que, como as crianças, sabem perguntar; como os poetas, podem se encantar; como os aventureiros, ousam enfrentar o desconhecido; como os artífices, vão construindo suas produções; como os escritores, querem escrever; como intelectuais, buscam uma interlocução engajada no universo discursivo; e, como homens compromissados, respondem ao mundo e aos apelos da sociedade democrática. É por isso publicam.

Sim, de fato, temos o que comemorar!

Referências Bibliográficas

AMORIM, M. “A contribuição e Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica” In FREITAS, M. T., SOUZA, S. J. & KRAMER, S. (orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRO, E. *Atualidade de Jean Piaget*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREITAS, M. T. “A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento” In FREITAS, M. T., SOUZA, S. J. & KRAMER, S. (orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003.

QUINTÁS, A. L. “A manipulação do homem através da linguagem” In *Videtur-Letras* 2. Barcelona/Porto/São Paulo: Mandruvá, 2001.

(<http://www.hottopos.com/vdletas2/alfonso.htm> - acesso em 2/9/2012).

SAID, E. *Representations of the Intellectual*. Great Britain: Vintage, 1994.

SOARES, M. “Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos?” In MOREIRA, A. F. [et. al.] *Para Quem Pesquisamos, Para Quem Escrevemos – O Impasse dos Intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido para publicação em 15-08-12; aceito em 15-09-12